

Graça em tempos de desgraça? A jocosidade como operador da crítica nos memes na pandemia

Alexandre Werneck

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Reprodução da internet

Imagens como essa têm frequentado o cotidiano de todos nós desde o início da pandemia de Covid-19, especialmente daqueles inscritos nas chamadas mídias sociais¹. O meme² se tornou um dos signos mais habituais na comunicação contemporânea e em um momento como este seria de se esperar sua presença. Como mostrei em outros trabalhos, mesmo em momentos de comoção social em torno de tragédias — como no caso de surtos de violência (WERNECK, 2020b) —, se for possível estabelecer alguma rotina, algum espaço para a jocosidade se estabelece. E igualmente como já mostrei (Idem, 2015, 2016, 2019; WERNECK e LORETTI, 2018), essa mobilização do humor não se dá apenas como demonstração de espíritosidade e esperteza: em geral, ela está associada à circulação da crítica — seja para se usar a dinâmica da crítica para fazer piada, seja para se usar o humor para se fazer crítica. No caso específico acima, vemos o presidente Jair Bolsonaro ser alvo de uma “zoação” (WERNECK, 2015), na qual se critica sua “boca”, isto é, suas recorrentes falas infelizes a respeito da crise sanitária, em uma galeria que vai do negacionismo da potência do vírus à priorização da pauta econômica sobre a preservação da vida. Na piada, a máscara de proteção, dispositivo privilegiado do discurso da pandemia — e de algumas situações públicas nas quais o político demonstrou inabilidade para usá-la (ALFANO, 19/03/2020) —, é convertida em fita adesiva, uma forma de impedi-lo de falar, o que no final das contas seria uma medida de saúde pública.

O argumento que venho explorando nos citados outros trabalhos é que a *matriz formal* (WERNECK e LORETTI, 2018) de uma crítica jocosa — isto é, a coordenação de seus elementos de forma — desempenha um papel em sua *efetivação* (WERNECK, 2012)³, tanto em situações privadas ou de interações pontuais (Idem, 2015) quanto em situações públicas (WERNECK e LORETTI, 2018; WERNECK, 2016, 2019, 2020b). E que isso se dá por conta da implantação de um processo específico, a *ridicularização* (BILLIG, 2005) do objeto da crítica (seja este uma ação praticada ou seu praticante): sua *grandeza* (BOLTANSKI e THÉVENOT, 2020[1991]) é reduzida a uma condição de absurdo risível. Esse registro jocoso, ao ser utilizado como plataforma para a crítica, beneficia-a com a construção de um *observador singular*, capaz de, por meio dessa redução ao ridículo, *efetivar* a crítica sem passar pelo protocolo racionalista da *comprovação* (Idem), na qual se mobilizaria um calculismo de avaliação ponderada de provas e argumentos lógicos. Assim, ratifica-se a ideia de uma *verdade transitória* (NIELSEN, 01/04/2019), a ser aceita sem maiores avaliações. Com isso, ganha destaque na operacionalização de críticas a mobilização da *graça* (BOLTANSKI e THÉVENOT, 2020[1991]), uma competência fundada na *inspiração* — ou seja, na criatividade e na singularidade —, cuja avaliação substitui, então, à do conteúdo específico da crítica.

O ponto que quero enfatizar aqui é que situações como a atual, em que tem lugar uma grande, monumental transformação da rotina, estabelece-se um triplo processo, de *investigação* (DEWEY, 1938), *indefinição* (WERNECK, 2020a) e *rotinização*, que ganha na crítica um sustentáculo relevante e que muito tem se beneficiado da jocosidade para tal. Esse processo gira em torno de uma mesma ocorrência social fundamental: a definição da situação, isto é, “um estágio de exame e deliberação (...) preliminar a qualquer ato comportamental autodeterminado” (THOMAS, 1969[1923], p. 42) e que diz *o que está acontecendo ali*, permitindo aos humanos tratarem essas situações como “reais em suas consequências” (THOMAS e THOMAS, 1938[1928], p. 572), isto é, trata-se de uma definição capaz de gerar *efeitos, efetivando-se* (WERNECK, 2012). Em cada uma dessas três etapas, uma relação com essa definição se estabelece com a crítica no horizonte, tornando-se a avaliação moral das coisas um elemento central da equação.

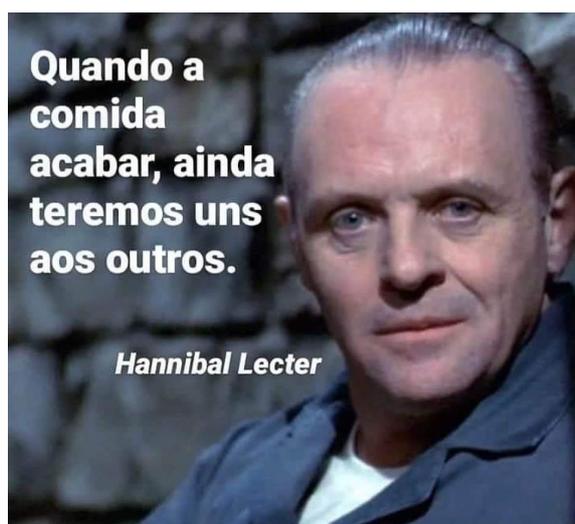
A atual onda de memes a respeito da pandemia parece ter seguido dois distintos movimentos, em dois diferentes registros temporais. Em um primeiro momento, uma etapa que poderíamos chamar de *investigativa* inspirados em Dewey (1938), na qual as piadas representam tentativas dos atores de lidar com a ruptura da rotina promovida pela doença, inicialmente compreendida como algo misterioso e distante, oriundo da China e ainda a ser entendido e, especialmente, como uma onda futura a ser aguardada. Um já notório levantamento publicado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 28 de fevereiro (e atualizado em 9 de março) mostrava que, no final do segundo mês do ano, por volta de 34% das interações nas redes sociais a respeito da Covid-19 no Brasil eram bem-humoradas ou irônicas contra 17% preocupadas (CAMILLO, 13/03/2020). Naquele momento, o país acabara de ter o primeiro caso confirmado da doença. Os memes seguiam uma tendência mais ou menos concentrada desde o início da epidemia e sua forma mais típica era como nos seguintes exemplos:



Reproduções da internet

A primeira imagem apresenta o Zé Gotinha, personagem criado pelo Ministério da Saúde na década de 1980 como mascote das campanhas de vacinação infantil. A segunda, um homem se divertindo com uma boia nas águas de uma enchente. Àquela altura, nos meses finais de 2019 e nos primeiros de 2020, o coronavírus era um perigo distante, e a informação básica das piadas trazia uma espécie de descaso com seu risco. Mas trazia também uma segunda camada, a *autocrítica* do país. De modo que a mensagem fundamental era: a doença que vem da China é forte, mas o Brasil já conviveria com desgraças demais cotidianamente e conta inclusive com suas próprias doenças (há muitas comparações com a dengue), de modo que o tal coronavírus não seria páreo para nossa realidade. E mesmo a afirmação de que o mascote daria uma surra no vírus precisa ser lida nesse contexto marcado por uma fala irônica (HERZFIELD, 2005), aqui referida à capacidade do Brasil de lidar com a iminente epidemia: o personagem é constantemente apresentado em outras imagens em sua forma mais ridicularizada, como fantasia usada por um ator, como se fosse um arremedo de super-herói de festa infantil, exposto em seu caráter mambembe.

Esse movimento sugeriu a alguns analistas que a aproximação reduziria aquela proporção entre humor e seriedade (CAMILLO, 13/03/2020). A aposta era que a definição clara da situação faria os atores se deslocarem da jocosidade para a interação informativa. Não disponho de uma atualização daqueles números, inclusive porque eles certamente sofreram as consequências do crescimento vertiginoso do número total de menções à pandemia nas redes a partir daí: a título de exemplo, apenas no dia 11 de março, de acordo com uma consultoria internacional, foram 19 milhões de menções à Covid-19 e termos relacionados (ENBERG, 18/03/2020). Afinal, a ideia de que o momento era muito grave ao mesmo tempo tirava o chão das pessoas, lançando-as na indeterminação de que fala Dewey (1938), levando-as a se informar e, ao mesmo tempo, a investigar, e as ajudava a entender o mundo, sabendo elas agora se tratar de uma pandemia de proporções globais, algo mais fácil de entender, embora ainda complicado. Vieram, então, as medidas governamentais de saúde e econômicas e, no olho do furacão de uma gigantesca transformação na rotina e nos comportamentos, as medidas de isolamento e a consequente quarentena em domicílio que as centralizou. Isso criou claramente um *segundo movimento*, redirecionando tematicamente aquela fala jocosa: se antes ela se concentrava em zoar tanto o próprio vírus, fazendo pouco caso de sua potência, quanto outros países e culturas já atingidos por ele (especialmente o povo chinês), a estranha nova rotina de falta de rotina imposta por um distanciamento entre voluntário e governado permitiu uma zona de nova indeterminação alimentada por um novo conjunto de críticas. Então, entrava em jogo um novo cotidiano, o enfrentamento da pandemia, e, com ele, um novo conjunto de responsabilidades e ações a serem julgadas. Assim, de um lado vemos um novo tipo de imagem, que parece a antítese da “coragem” (irônica) expressada no caso anterior. Agora, a indeterminação do futuro, associada com a dureza do presente, produz imagens como no seguinte exemplo:



Reprodução da internet

Mas, de outro lado, observa-se também um nível elevado daquilo que já qualifiquei, ao falar de manifestações políticas, como *zoeira do poder* (WERNECK, 2019):



Reprodução da internet

O primeiro meme mostra o personagem Hannibal Lecter (vivido pelo ator britânico Anthony Hopkins), do filme vencedor do Oscar *O silêncio dos inocentes*, de Jonathan Demme (1991) (e de outros três filmes e um seriado, todos baseados nos livros do escritor Thomas Harris com o personagem). Como é notório, trata-se de um psiquiatra que se tornou um assassino *canibal*, de modo que a *punchline* (trecho da piada em que a situação estabelecida sofre uma virada, revelando-se a comicidade) é que a frase aparentemente otimista na boca de qualquer outro, na dele revela um futuro apocalíptico. A segunda imagem adapta uma piada viral internacional: a discussão vida x economia experimentada no Brasil a partir da insistência de Jair Bolsonaro em não ceder à orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS) de isolamento já estava estabelecida em vários países e, no noticiário global, por conta do negacionismo do presidente americano Donald Trump. De modo que a cena em que os dinossauros, ao verem o meteoro que os extinguiu se aproximar, veem ainda o *tiranossauro*, réptil pré-histórico reconhecido por seu grande poder, dizendo que aquilo seria ruim para a economia ao mesmo tempo revela a imbecilidade do predador (e de quem disse isso na vida real) e afirma o caráter do político negacionista: ele só pode ser um *tiranossauro*.

Uma série de variáveis formais marca a amostra de memes circulantes na pandemia⁴. Este texto, entretanto, se concentra nos direcionamentos críticos por eles escolhidos e em sua dimensão política. Nisso, ele conversa com toda uma área de estudos da mobilização do humor em protestos públicos — na qual eu mesmo me incluí nos últimos tempos (T'HART e BOS, 2008; BECKMAN, 2014; YACINTAS, 2015; KING, 2016; TRNKA e REHAK, 2018). Mas essa ênfase na crítica quer entender essa política antes de tudo como moral: a questão é quais ideias de bem são mobilizadas para fundamentar o discurso crítico que encontra solo fértil na transição entre rotinas proporcionada pela pandemia/pelo distanciamento — explicitados na crítica na maneira como esses bens são desrespeitados/desatendidos. Foi possível observar que essas ideias de bem tomaram uma forma metonímica: os alvos da crítica têm servido como forma dessa caracterização.

De maneira geral, as piadas circulantes sobre a pandemia têm se concentrado em quatro tipos de crítica consequente⁵, caracterizados pelos seguintes alvos: ações do(s) governo(s); nossos próprios comportamentos (e os dos outros); a nova rotina; e os próprios discursos sobre a pandemia⁶. A seguir, analiso brevemente cada tipo.

Um governo sem graça e a desgraça do governo: o bem de todos é o cuidado do Estado

As críticas aos governos, especialmente a seu braço executivo, costumam se basear naquilo que Boltanski e Thévenot (2020[1991]) chamam de *gramática cívica*, aquela que fundamenta o bem comum⁷ na representação de muitos por um mandatário (que pode ser uma pessoa, como o presidente, tanto quanto um ente não humano, como uma categoria especializada ou uma instituição, como o Ministério da Saúde). A lógica do modelo dos autores se baseia em uma “economia das grandezas” (Idem) segundo a qual as situações são definidas com a parcela dos envolvidos com menor grandeza (os “pequenos”) depositando sua agência nas mãos do agenciamento da parcela de maior grandeza⁸. Assim, o pacto que define o que os autores chamam de *citê coletiva*⁹, característica do funcionamento do Estado, oriunda de um compromisso entre a citada lógica cívica e uma *gramática industrial* (esta centrada na eficiência técnica), se baseia na ideia de que os cidadãos entregam a maior grandeza nas mãos de um representante, que os abarca e promove o bem deles, e essa entrega se baseia no fato de o grande da citê coletiva ser um legítimo representante (cívico), por ter, digamos, sido eleito, e, ao mesmo tempo, ser comprovadamente eficiente em termos executiva (industrial), o que seria provado, por exemplo, por ações técnicas acertadas. Ora, as críticas jocosas circulantes nos memes direcionadas ao poder político colocam em xeque justamente essas duas dimensões, em uma equação conjunta, já que, como é notório, no interior do próprio governo brasileiro evidenciou-se uma controvérsia entre competência técnica — representada pelo ministro da Saúde¹⁰ e pelos governadores, em geral orientados pela OMS — e gestão política — representada em geral pelo presidente e por certos governadores e certos prefeitos —, criticada, por um lado, como egoísta (por mostrar preocupação mais eleitoral do que sanitária, o que questiona a legitimidade cívica do governante), por outro, como desumana (por mostrar, como vimos, mais preocupação econômica do que sanitária, o que questiona a legitimidade industrial do governante). Assim, vemos uma quantidade avantajada de memes expressando críticas ao governo na pessoa do presidente Bolsonaro, como nos seguintes casos:





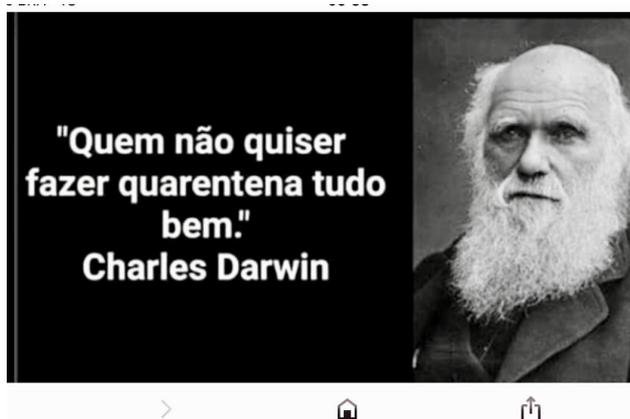
Reproduções da internet

Ambos são exemplos de paródias (quando se imita um signo estabelecido, conferindo-se a ele outro significado). No primeiro caso, parodia-se o Hino Nacional, que por meio de um trocadilho expressa uma sobreposição entre o governo e o problema que ele próprio deveria enfrentar. No segundo, vemos a personagem título dos quadrinhos da Turma da Mônica diante da janela de Cascão, seu amigo, convidando-o para ir fazer algo e ele responde ao convite. Esse quadrinho especificamente se tornou um meme curinga para várias piadas, já que, como mostrado na Nota 4, sobre a dimensão formal, basta mudar as falas para se direcionar a piada (e, com ela, a crítica) — nesse caso, sempre com um convite “zoável” e uma resposta grosseira que rivaliza com a expressão vibrante do menino. No meme, como é notório, “Mito” é como os seguidores de Bolsonaro o chamam e o gracejo se refere à campanha promovida pelo próprio governo (com o slogan “O Brasil não pode parar”) contra o isolamento e em favor da retomada da atividade econômica.

Sai da rua: o bem de todos é o cuidado cidadão

A grande crítica comportamental circulante é à negligência na profilaxia, seja por desrespeito ao distanciamento seja pelos maus hábitos preventivos. Por exemplo:





Reproduções da internet

A base dessa crítica é que o bem de todos se fundamenta em uma partilha cidadã do enfrentamento — operando-se a lógica de compromisso cívico-industrial com um forte engajamento dos pequenos —, baseado em duas mudanças comportamentais: hábitos higiênicos pessoais (lavar as mãos, higienização com álcool em gel etc.) e isolamento voluntário (governamentalmente orientado em várias cidades). As críticas no primeiro caso tomam a forma da afirmação do *bem-higiene*, expressada na acusação a quem não segue esses procedimentos. É o caso do primeiro meme, em que o Esqueleto, vilão do desenho animado *He-Man*, espécie de encarnação do mal, aparece como centro de uma virada moral como quem antes “cheirasse a álcool” (fosse alcoólatra) e agora faz uso protetivo da substância. A outra crítica se baseia no *bem-isolamento*, com a denúncia dos descrentes e desobedientes. No segundo meme, vemos uma foto

de Dona Zica e de Cartola, baluartes do samba, com ele sentado na frente de sua casa, “falando” um trecho da letra de “Quero me encontrar”, de Candeia, um de seus grandes sucessos, e ela respondendo impacientemente a ele, idoso de grupo de risco, para entrar em casa e se isolar. De forma semelhante, na última piada da série, uma crítica à descrença na eficiência das medidas de isolamento: ninguém menos do que Charles Darwin aparece para dizer que a desobediência a elas entrega os humanos à seleção natural, elemento central de sua Teoria da Evolução. Em todos esses casos, o *bem-sanitário* se manifesta como elemento central da situação e o agenciamento dos atores é explicitado: as críticas responsabilizam a cada cidadão pelas condições gerais de saúde, explicitando a necessidade do engajamento cívico.

Isola: o bem de todos é resistir à nova rotina

Neste caso, são ridicularizados os elementos justamente da nova rotina, explicitando-se o absurdo de uma situação que desorganiza a vida de todos. A crítica não é ao isolamento em si, mas à desrotinização e em parte a eventuais baixas solidariedade e resiliência das pessoas. Ela parece propor a aceitação de um sofrimento inevitável (por um bem maior) e uma lógica do “rir para não chorar”. Assim, vemos memes enfatizando a indeterminação e a errância cotidiana necessária no momento:





**Para evitar a
transmissão do
Coronavírus, evite
fazer festas com mais
de 20 convidados.
Apenas COVID-19.**



**Estavam rindo de mim,
mas agora estão todos
presos.**

Reproduções da internet

O primeiro meme se concentra na distinção entre pessoas em isolamento com filhos e sem filhos — uma presença recorrente entre as piadas, sempre explicitando o sofrimento maior dos pais — e, dentre estes, entre homens e mulheres (mães). O segundo explicita de forma bem-humorada como a rotina mudou, mas nem tanto. No terceiro, a piada mobiliza o pintor holandês Vincent van Gogh para ridicularizar os novos hábitos, já que ele não teria como usar a máscara de proteção inserida na nova rotina porque, bem, não tem uma orelha. Em seguida, um precioso trocadilho (“apenas Covid-19” em vez de convidar 20) zoa aqueles que, em momento de isolamento, insistem em fazer reuniões festivas em casa. E, por último, outro meme muito recorrente: a associação entre a quarentena e a prisão do jogador Ronaldinho Gaúcho, no Paraguai, que rendeu ela própria muitas piadas. Em todos esses casos — como em todos os apresentados, mas aqui isso fica mais claro —, a crítica se beneficia da rotinização do debate sobre as medidas tomadas como elemento da jocosidade: como já demonstrei em outro espaço (WERNECK, 2015), a forma-piada, segundo a qual o par *setup* (definição da situação normal) e *punchline* (virada da situação pela revelação do elemento de mudança que a torna cômica) desvela a graça por mostrar como o mundo mudou, com o ingresso de um elemento absurdo, imprevisto.

A crítica com graça com base na graça



Captura da internet

A última categoria relevante é a que concentra a crítica com graça em discursos considerados por ela como clichês, repetições banais, chavões. A ridicularização aqui se volta para os discursos *vis-à-vis* justamente a *grandeza inspirada*. O exemplo apresentado acima poderia ser o manifesto dessa crítica. É uma edição especial do quadro “Frases que valem tapa na cara”, do canal de humor TV Quase, baseado no agregador de vídeos YouTube¹¹. O quadro tem como premissa uma ideia simples: o ator (Daniel Furlan) aparece diante da câmera e enuncia frases avaliadas pelos humoristas como clichês e, diante de cada uma, é interrompido e leva, ora, um sonoro tapa na cara. Nesta edição especial, que gerou dois vídeos, as sentenças são ligadas à pandemia e a mão que o estapeia surge munida de luvas, como que a indicar a prevenção contra a Covid-19. Entre as frases, ouvem-se

pérolas como: “Sabia que no Calendário Maia...?”; “Não, mas a gente vai aprender muito sobre a humanidade com esse vírus”; “Finalmente eu vou ter tempo de estudar francês”; e a sugestiva “Um dia, a gente ainda vai rir disso tudo”. Eles chegam a repetir declarações de Jair Bolsonaro, mas no interior de um contínuo de chavões, sem as identificar. É a mesma crítica ao clichê contida em memes que reproduzem posts da rede social Twitter, servindo de paródia aos chavões, como este:



Reprodução da internet

Conclusão: engajamentos com a graça em tempos de desgraça

Laurent Thévenot (2006) propõe uma forma de pensar as movimentações agenciais dos atores rumo a movimentações sociais — ou, como ele prefere, para *ações em comum no plural* — na chave do que chama de *engajamentos*, isto é, perguntando-se sobre as lógicas segundo as quais os atores *se coordenam* uns com os outros. Minha aposta aqui é que esse segundo momento da onda de memes, marcado pelo isolamento e uma nova rotina, é guiado por dois tipos de engajamento: o primeiro, aquele chamado por Auray (2011) de *exploratório*, fundado nos processos investigativos de Dewey (1938), isto é, buscando o que Thomas (1969[1923]) chamaria de *definição da situação*. O segundo é aquele que já chamei de engajamento *circunstancialista* (Werneck, 2020a), fundado no que chamei de *indefinição da situação*, um movimento de evitação estratégica, de postergação da definição, para se manter em uma condição híbrida e disso tirar proveito. No ambiente dessa rotina de indefinição — o que poderia ser um paradoxo — os atores experimentam o que Stark (2009) chamou de *dissonância*, isto é, a fricção produtiva entre lógicas a princípio concorrentes. E a crítica parece desempenhar um papel fundamental nesse momento, já que ocupa o espaço vazio produzido pela fricção. Em um momento como o da pandemia, como disse, a transição entre a indefinição e o surgimento de uma nova rotina, tateante, a ser experimentada “um dia de cada vez”, na medida “do que vem”, ao sabor das novidades e circunstâncias, oferece aos atores um universo de sentido em aberto, a ocupar com seus questionamentos (e, portanto, com suas críticas). E muito embora a tentativa dos atores seja buscar uma rotina, os memes explicitam por meio do bom humor como esse movimento é ele mesmo tateante, com as críticas circulantes ainda buscando compreender o bem possível momento a momento, ora se beneficiando de alguma definição ora se beneficiando da

indefinição. Esse *engajamento misto* (WERNECK, 2020a) parece unir a todos em um ambiente crítico com base no fato de estarem todos imersos em um *grande problema*, algo a ser experimentado por meio de suas *problematizações*, isto é, algo amplamente aberto a controvérsias, nas quais as críticas compõem como elemento central. E a graça, aqui, comparece como um elemento facilitador dessa crítica, como tenho demonstrado e já expressei neste texto: o observador singular que ocupa o lugar do *eu-humorístico* dos discursos permite que as verdades transitórias nelas circulantes ridicularizem os objetos criticados e se efetivem em sua potência, reduzindo as grandezas (e, nesse sentido, as agências) desses objetos e tornando a crítica não apenas mais capaz de circular, mas potente de uma forma sutil e ao mesmo tempo intensa: não é que a piada seja mais eficiente para tornar uma crítica potente ou não, mas a crítica feita com uma forma *engraçada*, pejada com elementos que permitam o reconhecimento da graça, insere a lógica inspirada na equação, substituindo a avaliação racionalista da crítica “séria” por um salto de comprovação do conteúdo que estabiliza a situação graças a outra comprovação, em termos de graça. Assim, a forma-piada se converte em maneira de tornar mais efetiva a crítica como crítica: ao demonstrar “ter graça”, isto é, ser singular, criativa, esperta, a crítica constrói uma voz singularizada que fecha esse círculo.

Notas

¹ Nota metodológica: não sou pessoalmente usuário de nenhuma rede social (seja Facebook, Instagram, Twitter ou que tais) ou mesmo do aplicativo de comunicação instantânea WhatsApp — na prática, convertido em rede social pela modalidade de comunicação em grupos. Dessa maneira, tive acesso aos memes sobre a pandemia por busca direta, reportagens a respeito e notadamente por levantamentos feitos por colegas em suas redes pessoais. Agradeço em especial à mestranda Ana Padilha Luciano de Oliveira, pela colaboração neste levantamento. As observações aqui apresentadas são preliminares e se baseiam em uma amostra menor do que aquelas dos outros estudos citados, com cerca de 150 memes. Evidentemente, uma análise mais adensada dependerá de mais pontos, mais tempo e mais reflexão.

² Como já disse em Werneck (2019, p. 614), “[u]m meme é um signo que se espalha maciçamente via internet, originalmente em um sistema pessoa a pessoa (*peer to peer*), mas mais recentemente em um modelo que podemos chamar pessoa ao público (*peer to all*), mais próprio das redes sociais, por meio de repetições e/ou alterações. O termo de uso cotidiano se inspira na ideia proposta pelo biólogo britânico Richard Dawkins, que em seu livro *O gene egoísta* (DAWKINS, 2007[1976]) sugere um modelo explicativo para a difusão de informações no interior de uma cultura. No caso das manifestações, várias palavras de ordem ou trocadilhos visuais circulando pela internet, sendo nela alterados e difundidos, foram levados para as ruas, dando continuidade a uma difusão que, a partir da visibilidade dos protestos, ampliou-se ainda mais de volta à internet. Para mais sobre memes e sobre sua participação em [críticas], ver Mina (2019)”.

³ A efetivação a que me refiro diz respeito à efetividade da colocação crítica e de ser possível apresentar um discurso crítico (WERNECK e LORETTI, 2018). Assim, a questão não é avaliar a eficiência das críticas nem o papel da jocosidade nessa eficiência. Devido a seu caráter situado, não seria possível fazer uma análise desse tipo com o material disponível. Para uma discussão sobre a eficácia crítica, ver Boltanski (1990) e Hirschman (1973).

⁴ Por exemplo, são recorrentes as paródias visuais, usando-se imagens de personagens famosos, especialmente celebridades, cenas de filmes e trechos de quadrinhos, alterando-se suas falas e se provocando, com isso, a *punchline*, pelo ruído entre as cenas originais e o significado ali apresentado. Isso cria, por exemplo, um conjunto de signos versáteis, que vão mudando de mensagem ao bel prazer das legendas, como nos diria Barthes (1990[1982]). Igualmente, as piadas lógicas, os trocadilhos e jogos de palavras são relevantes, como visto em alguns casos aqui. Uma análise disso tomará um texto mais delongado no futuro.

⁵ Distingo crítica consequente de crítica não consequente porque alguns poucos casos saltam aos olhos na amostra criando o que chamei em outro trabalho (WERNECK, 2019) de analogia valorativa, isto é, a crítica faz uma comparação entre o objeto em pauta e outro(s) de outro contexto. Nestes casos, a crítica funciona de maneira indireta, fazendo uso da

pandemia para fazer críticas externas a ela, sem que ela seja uma crítica indireta consequente (como aquelas evidentes ao sistema de saúde ou ao saneamento básico do país reveladas pela pandemia). Mas algumas delas são não consequentes, como aquela, por exemplo, que diz “Agora que geral já sabe lavar as mãos, vamos fazer uma campanha para lavarem o sovaco” ou a que expressa que “Em meio à pandemia, agenda de shows [do cantor] Lobão é mantida e produtora justifica: ‘Não há risco de aglomerações’”, fazendo-se pouco caso do artista.

⁶ Foram observados alguns poucos memes com críticas ao comportamento na natureza, mas não houve massa de dados o suficiente para considerar uma categoria. É possível que adiante isso seja possível.

⁷ Tenho preferido falar em *bem de todos* em vez de em bem comum para o caso de direcionamentos de bem amplos como os do governo, mas acatarei a forma dos autores aqui para facilitar a exposição do argumento. Para mais sobre minha opção, ver Werneck (2012, pp. 267-316).

⁸ A ideia de *grandeza* se opõe à de *tamanho*, que definiria uma característica intrínseca dos atores. O modelo não trata da dominação fundamentada em traços intrínsecos (como na dominação de classe, por exemplo), embora não negue sua existência. Ele quer, por outro lado, levar a sério a capacidade crítica dos atores e mostrar como situações são definidas com base no reconhecimento situado de grandezas, que só poderão atuar se forem justificadas para eles, isto é, comprovadas com base em sua capacidade de produzir bem comum, e que definem exclusivamente na situação uma precedência decisória. Essas situações só obteriam sua legitimidade na justificação, demonstrada pela demonstração de que os bens de grandes e pequenos, conquanto sejam diferentes, são lidos como equivalentes, distribuindo de forma comum o bem em situação. Para um detalhamento didático do modelo em português, ver Werneck (2012, pp. 81-99).

⁹ O termo *cités* se refere a um ordenamento circunscrito a uma determinada forma de justiça, isto é, do bem comum. Boltanski e Thévenot (2020[1991]) mapearam em suas pesquisas inicialmente seis *cités*, seis formas da justiça, privilegiadas na pauta moderna das controvérsias, a saber, uma *cívica*; uma *doméstica* (centrada na hierarquia geracional); uma *mercantil* (centrada no valor de troca); uma *industrial* (centrada na eficiência); uma *inspirada* (centrada na graça, isto é, na criatividade e na singularidade); e uma *da opinião* (centrada no reconhecimento honorífico e na reputação). Outras *cités* foram propostas por eles próprios e por outros autores, mas não ingressarei aqui em sua exposição ou seu debate.

¹⁰ Desde o início da crise até a escrita deste texto, lugar ocupado pelo médico e deputado Luiz Henrique Mandetta, que nas últimas semana ingressou em uma discussão pública com o presidente, contrário ao isolamento horizontal e favorável a tratamentos ainda não plenamente testados para a doença, enquanto o ministro se posicionava em favor de se seguir as orientações da OMS, entre elas o isolamento horizontal. No momento em que veio o ponto final do texto, dava-se como certa a demissão de Mandetta, mas ele acabou por se manter no cargo após uma série de articulações políticas envolvendo vários personagens do governo, entre eles sua ala militar (MAIA e TRINDADE, 06/04/2020).

¹¹ Embora esse caso não seja um meme, tratei-o como um exemplar paradigmático por ele trazer embutidos todos os elementos da lógica viral dos mesmos, além de, ao mesmo tempo, ter gerado ele próprio uma série de memes, reproduzindo suas telas, em especial o letrero título.

Referências

- AURAY, Nicolas. “Les technologies de l’information et le régime exploratoire”. *In*: VAN ANDEL, Pek; BOURSIER, Danièle (orgs). **La sérendipité: Le hasard heureux**. Paris: Hermann, 2011, pp. 329-343.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990[1982].
- BECKMAN, John. **American Fun: Four Centuries of Joyous Revolt**. Nova York: Pantheon, 2014.
- BOLTANKI, Luc. **L’amour et la justice comme compétences**. Paris: Métailié, 1990.
- _____; THÉVENOT, Laurent. **A justificação: Sobre as economias da grandeza**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020[1991].
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007[1976].
- DEWEY, John. **Logic: The Theory of Inquiry**. Nova York: Henry Holt, 1938.
- HERZFELD, Michael. “Irony and Power: Towards a Politics of Mockery in Greece”. *In*: FERNANDEZ, James W.; HUBER, Mary Taylor (orgs). **Irony in Action: Anthropology, Practice and the Moral Imagination**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001, pp. 63-83.
- HIRSCHMAN, Alfred. **Saída, voz e lealdade: Reações ao declínio de firmas, organizações e Estados**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- KING, Barnaby. **Clowning as Social Performance in Colombia: Ridicule and Resistance**. Londres: Bloomsbury, 2016.
- MINA, Na Xiao. **Memes to Movements: How the World’s Most Viral Media Is Changing Social Protest and Power**. Boston: Beacon, 2019.
- NIELSEN, Morten. “Comedic Lies as Transitory Truths”. **Anthropology News**. Disponível (on-line) em: <http://www.anthropology-news.org/index.php/2019/04/01/comedic-lies-as-transitory-truths>, 01/04/2019.
- STARK, David. **The Sense of Dissonance: Accounts of Worth in Economic Life**. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- T’HART, Marjolein; BOS, Dennis (orgs). **Humour and Social Protest**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- THÉVENOT, Laurent. **L’action au pluriel: Sociologie des régimes d’engagement**. Paris: La Découverte, 2006.
- THOMAS, William I. **Unadjusted Girl: With Cases and Standpoint for Behavior Analysis**. Nova York: Harper and Row, 1966[1923].
- _____; THOMAS, Dorothy S. **The Child in America: Behavior Problems and Programs**. Nova York: Alfred A Knopf, 1938[1928].
- TRNKA, Susanna; REHAK, Jana Kopelent. **The Politics of Joking: Anthropological Engagements**. Londres: Routledge, 2018.
- WERNECK, Alexandre. **A desculpa: As circunstâncias e a moral das relações sociais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. “‘Dar uma zoada’, ‘botar a maior marra’: Dispositivos morais de jocosidade como formas de efetivação e sua relação com a crítica”. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, vol. 58, n. 1, pp. 187-221, 2015.
- _____. “Uma sociologia da compreensão a partir do par crítica e jocosidade”. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, vol. 16, n. 3, pp. 482-503, 2016.

- _____. “Política e ridicularização: Uma sociologia pragmática da ‘graça’ da crítica em cartazes das ‘Jornadas de Junho’”. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, vol. 21, n. 3, pp. 611-653, 2019.
- _____. “Obstáculos na ‘pista livre’: Algumas considerações sobre a pragmática dos dispositivos da ‘lei do trânsito’ no Rio de Janeiro”. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, no prelo, 2020a.
- _____. “A força da graça, a graça da força: A crítica jocosa aos personagens da ‘violência urbana’ nas capas de um jornal popular como ‘violentização’ da fala pública”. Texto de trabalho, **Necvu**, 2020b.
- _____; LORETTI, Pricilla. “Critique-Form, Forms of Critique: The Different Dimensions of the Discourse of Discontent”. **Sociologia & Antropologia**, vol. 8, n. 3, pp. 973-1008, 2018.
- YACINTAS, Altug (org). **Creativity and Humour in Occupy Movements: Intellectual Disobedience in Turkey and Beyond**. Basingstoke (RU), Palgrave Macmillan, 2015.

Fontes da imprensa

- ALFANO, Bruno. “Especialistas em epidemias apontam erros de bolsonaro no uso de máscara em coletiva: Casos confirmados ou sob suspeita devem usar proteção, mas procedimento de presidente em entrevista foi classificado como inadequado”. **Época**, Brasil, 19 de março de 2020. Disponível (on-line) em: <https://epoca.globo.com/brasil/especialistas-em-epidemias-apontam-erros-de-bolsonaro-no-uso-de-mascara-em-coletiva-24314199>
- CAMILLO, Mateus. “Piada nas redes diminuiu à medida que coronavírus passou de surto para pandemia”. **Folha de S. Paulo**, #Hashtag: Mídias Sociais e a Vida em Rede, 13 de março de 2020. Disponível (on-line) em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/03/13/piada-nas-redes-diminuiu-a-medida-que-coronavirus-passou-de-surto-para-pandemia/>.
- ENBERG, Jasmine. “How Covid-19 Is Testing Social Media’s Ability to Fight Misinformation: And what the coordinated effort may mean for their long-term strategies”. **eMarketer**, 18 de março de 2020. Disponível (on-line) em: <https://www.emarketer.com/content/how-covid-19-is-testing-social-medias-ability-to-fight-misinformation>
- MAIA, Gustavo; TRINDADE, Naira. “Bolsonaro decide demitir Mandetta, mas volta atrás: Ex-ministro da Cidadania Osmar Terra era o mais cotado para assumir o cargo; ala militar defendeu nome de mulher para a Pasta”. **O Globo**, Brasil, 06 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-decide-demitir-mandetta-mas-volta-atras-24354357>

ALEXANDRE WERNECK (av.werneck@ifcs.ufrj.br) é professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil) e coordenador efetivo de pesquisas do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (Necvu). É doutor pelo PPGSA, mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ e tem graduação em comunicação pela ECO/UFRJ.